

Autor: Góes

Oportunidades perdidas na redução de emissões de gases de efeito estufa



Um relatório que acaba de ser publicado por WWF, Programa da ONU para o Meio Ambiente (PNUMA), EAT e Climate Focus, aponta que países estão perdendo oportunidades significativas de reduzir emissões de gases de efeito estufa. O documento é Melhorando a Contribuição Nacionalmente Determinada (NDC, na sigla em inglês) para Sistemas Alimentares.

Tomadores de decisão podem melhorar as chances de alcance das metas climáticas e limitar o aquecimento global a 1,5°C se assumirem compromissos mais específicos para a transformação de sistemas alimentares nacionais. O documento identifica 16 caminhos para tomadores de decisão empreenderem mais ações, do campo à mesa.

Ao incluir dietas e perda e desperdício de alimentos aos planos climáticos nacionais, tomadores de decisão podem melhorar a contribuição para a mitigação e a adaptação dos sistemas alimentares em até 25%.

ACORDO DE PARIS

Segundo o Acordo de Paris, os países devem revisar ou reapresentar seus NDCs a cada cinco anos. Neste ano, portanto, os legisladores têm a oportunidade de adotar soluções para sistemas alimentares e definir metas e medidas mais ambiciosas para reduzir as emissões de gases de efeito estufa e, conseqüentemente, melhorar a biodiversidade, a segurança alimentar e a saúde pública.

Sistemas alimentares – que reúnem todos os elementos e atividades relacionados à produção, processamento, distribuição, preparação e consumo de alimentos – correspondem a até 37% de todas as emissões de gases de efeito estufa.

Seguir na trajetória atual significa que os sistemas alimentares, sozinhos, serão responsáveis por esgotar os orçamentos de emissões compatíveis com 1,5°C em todos os setores. Embora 89% dos NDCs mencionem a produção agrícola, as metas de redução de emissões estão incluídas em outras metas mais amplas, normalmente sobre uso da terra.

SEM CARROS

Demais ações nos sistemas alimentares, como reduzir a perda e o desperdício de alimentos ou adotar dietas mais sustentáveis são amplamente ignoradas, apesar de representarem uma oportunidade combinada de reduzir as emissões em até 12,5 Gt CO₂e – o equivalente a 2,7 bilhões de carros fora das ruas.

“Compromissos ambiciosos, mensuráveis e com prazos determinados para a transformação dos sistemas alimentares são necessários se quisermos alcançar um futuro de 1,5°C. Falhar nisso é ignorar um dos principais fatores da crise climática atualmente”, diz Marco Lambertini, diretor-geral do WWF-International.

“Sem ação sobre como produzimos e consumimos alimentos, não podemos alcançar nossos objetivos climáticos ou de biodiversidade, que são a base para alcançar a segurança alimentar, prevenir o surgimento de doenças e, em última análise, cumprir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.”

“É por isso que instamos os governos a incluírem abordagens de sistemas alimentares positivos para o clima e a natureza em NDCs revisados e mais ambiciosos a serem apresentados neste ano”, declara.

PANDEMIA E FRAGILIDADE

Segundo Inger Andersen, diretora-executivo do PNUMA, a pandemia expôs a fragilidade de nossos sistemas de abastecimento de alimentos, desde cadeias de valor complexas até impactos em nossos ecossistemas.

“Mas também demonstrou que as empresas e as pessoas estão prontas para se reconstruírem melhor. Essa crise nos oferece a chance de repensar radicalmente como produzimos e consumimos alimentos”, afirma.

Por exemplo, reorientar o consumo reduzindo pela metade o desperdício de alimentos e adotar uma mudança para dietas mais ricas em vegetais também é uma ferramenta poderosa de mitigação climática que podemos utilizar. “Cabe a nós aproveitar essa oportunidade e colocar os sistemas alimentares sustentáveis no centro da recuperação verde”, afirma.

As 16 ações identificadas no relatório incluem a redução do uso da terra e mudança e conversão dos

habitats naturais, o que poderia reduzir emissões em 4.6 Gt CO₂e por ano. Comparativamente, reduzir a perda e o desperdício de alimentos, que representa 8% de todas as emissões de gases estufa, poderia diminuir as emissões em 4.5 Gt CO₂e por ano. Ainda assim, só 11 países mencionam perda de alimentos em seus planos atualmente, e nenhum considera o desperdício de alimentos.

MAIS VEGETAIS QUE ANIMAIS

Aprimorar métodos de produção e reduzir a emissão de metano pela pecuária poderia reduzir emissões em até 1.44 Gt CO₂e ao ano. Porém, reduções muito maiores poderiam ser alcançadas com a adoção de dietas mais saudáveis e sustentáveis, que contenham uma proporção maior de alimentos vegetais em vez de animais. Essas mudanças poderiam evitar emissões de até 8 Gt CO₂e por ano. Hoje, nenhum plano climático nacional discute de forma explícita a questão das dietas.

O relatório aponta que países desenvolvidos são menos propensos do que países em desenvolvimento a fornecer ações de mitigação setoriais específicas para a agricultura em seus planos climáticos atuais, embora, em termos absolutos, o número de ações específicas para reduzir as emissões nos sistemas alimentares de países em desenvolvimento também seja baixo.

Até agosto de 2020, 15 atualizações e revisões de NDC foram submetidas e, embora algumas incorporem a agricultura, ainda faltam ações. Os indícios iniciais são de que o consumo sustentável de alimentos e a perda e o desperdício de alimentos continuarão a ser ignorados no processo de revisão. Nenhuma das atualizações e revisões enviadas os menciona em suas contribuições de mitigação ou políticas e medidas.

CONSUMO EXCESSIVO DE CARNE

“Os sistemas alimentares são uma oportunidade negligenciada de mitigação e raramente há uma oportunidade com tantos benefícios de desenvolvimento sustentável. Eliminar o consumo excessivo de carne, melhorar as instalações de armazenamento e reduzir o desperdício de alimentos é bom para a nossa saúde e melhora a segurança alimentar”, afirma Charlotte Streck, cofundadora e diretora da Climate Focus.

“Com uma lista de verificação e exemplos concretos de atividades e metas, esse relatório fornece orientação para que os tomadores de decisão integrem os sistemas alimentares em suas estratégias climáticas nacionais.”

Para Gunhild Stordalen, fundador e presidente da EAT, resolver a questão alimentar não é apenas um pré-requisito para alcançar os objetivos da Agenda 2030. É tão importante quanto a transformação de energia para o cumprimento dos termos do Acordo de Paris.

A transição para produções regenerativas e que absorvam carbono, além da adoção de dietas saudáveis, predominantemente baseadas em vegetais – que são baratos e acessíveis –, bem como a redução pela metade da perda e desperdício de alimentos, são ações cruciais que devem ser incluídas nos NDCs dos países e integradas em seus planos de ação climáticas com objetivos claros, disse. “Enquanto entramos na Década da Ação, vamos fazer dela a década dos avanços para um futuro alimentar saudável e sustentável para todos”, defende.

EM 2021

Além de aumentar as ambições de seus NDCs, os países têm diversas oportunidades para reduzir emissões e preservar a natureza por meio de sistemas de alimentos.

Em 2021, no contexto da Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 15), líderes globais podem concordar com um novo acordo para a natureza e as pessoas, e com paralisação e reversão da perda da biodiversidade.

A primeira Conferência das Nações Unidas para Sistemas Alimentares também está prevista para 2021. Conforme o secretário-geral da ONU, António Guterres, pontuou ao anunciar a realização da conferência: “transformar sistemas alimentares é crucial para alcançar todas as metas de desenvolvimento sustentável”.

Clique aqui para acessar o relatório (em inglês):

<https://wedocs.unep.org/bitstream/handle/20.500.11822/33597/ndcf.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Data de Publicação: 02-09-2020